REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

29.º Anno — XXIX Volume — N.º 1:007

20 DE DEZEMBRO DE 1906

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONDE DE SABUGOSA
(Photographia Bobone)

Chronica Occidental

Não vai seguro o tempo, não vai. Se a gente do governo padece de insomnias — e deve padecer — hão de ás vezes soprar-lhe aos ouvidos rajadas do sul. Os politicos abrem as janellas e vêem nuvens sobre nuvens, côr de fuligem umas, muito negras outras, ameaçando trovoadas. Arvores que dentro em pouco estarão floridas, não venha o graniso encalvecel-as todas.

E não é só cá pela nossa casa que os negros prognosticos incommodam os governos. Em muitos paizes da Europa são raros os cantinhos de azul a sorrirem por entre os cumulos ameaçadores. E já não falamos de outras partes do mundo, pois por lá tambem nem tudo vai ás mil maravilhas. A America do Norte e o Japão olham-se atravez do Pacifico, de sobrecenho carregado.

Em Hespanha, um ministerio inteiro não chegou a aquecer as cadeiras do poder e em França ainda assumptos mais serios, como sempre são as questões religiosas, preoccupam o governo. O arcebispo de Paris, cardeal Richard, expulso do palacio archiepiscopal foi-se acolher a casa do deputado Cochin, e umas dez mil pessoas acompanharam-o, acclamando-o e dando vivas á liberdade. Ao vel-o apear-se da carruagem, a multidão ajoelhou e o velhissimo cardeal lançou-lhe a bençam.

O bispo de Arras tambem foi expulso, houve tumultos na historica cidade.

Pelo que se vê, os grandes sonhadores do seculo passado enganaram-se, quando prophetisaram para a aurora do seculo em que vivemos uma era luminosa de muita paz e de infinita tranquilidade. Os bons desejos dos corações de poetas não podem obrar milagres com tanta pressa. Se os gritos de revolta chegarem ao Pantheon, são capazes de ainda fazer vibrar de magua o coração de Victor Hugo.

Duas novidades maiores e de mais importancia — porque ha grandes novidades que fóra da surpreza não teem importancia alguma — se deram n'estes ultimos dias: foram os comicios realisados no passado domingo e o protesto quasi geral da imprensa portugueza contra a lei de imprensa que vai em Côrtes ser discutida e já teve o condão de reunir para um mesmo fim de combate escriptores de parcialidades differentes e até oppostas.

O comicio republicano em Lisboa effectuou-se n'uns vastos terrenos proximo da Avenida D. Amelia. Discursaram alguns dos mais distinctos oradores do partido, e entre elles o dr. Theophilo Braga, e os deputados expulsos do parlamento drs. Affonso Costa e Alexandre Braga. A moção apresentada pelo sr. França Borges é um protesto contra a expulsão dos deputados republicanos, referindo-se tambem aos dinheiros desviados dos cofres publicos e convida a nação a preparar-se para o triumpho definitivo da liberdade.

Apesar de vivos enthusiasmos, tudo correu na melhor ordem. Um conflicto que a imprudencia da policia ia provocando no Rocio, foi evitado pelo sr. tenente coronel Dias.

Em excellente ordem correram tambem os comicios em Bragança; em Braga, onde presidiu o sr. Eduardo de Abreu; em Aveiro; em Coimbra, onde falaram alguns professores e varios estudantes; na Guarda onde o dr. Bernardino Machado e dr. Antonio José d'Almeida foram recebidos com o maior enthusiasmo. O deputado republicano já antes falára no comicio da Covilhã. O comicio de Faro foi presidido pelo dr. Brito Camacho e no de Santarem foi approvada a moção apresentada pelo dr. Magalhães Lima, affirmando a necessidade ingente da proclamação da republica e protestando contra a expulsão dos deputados por Lisboa.

A importancia d'estas manifestações não a tirou, porem, á que os jornalistas, escriptores e professores, foram fazer ás côrtes, dois dias depois, por motivo de considerarem um attentado contra a liberdade o novo projecto de lei de imprensa.

A voz de Theophilo Braga foi uma das que mais alto soaram no protesto e quanto ella vale podem affirmal-o quantos sabem que prestigio aureola o nome do glorioso professor, que já para muito além das nossas fronteiras — caso raro em portuguezes — gosa fama e gloria.

Foi encarregado de apresentar a representação dos jornalistas na camara dos deputados o nosso querido velho, Bulhão Pato, que já em 1850 protestára contra a lei de imprensa de Costa Cabral. Ha cincoenta e seis annos que isso foi! Mas não deixa ainda Bulhão Pato por mãos alheias seu credito de enthusiastico amigo da liberdade. Largou por um dia o remanso de Caparica e sua modesta casa onde cabe toda a sua felicidade, e ahi veiu de jornada, para mostrar que sob os seus cabellos brancos seu espirito ainda gosa do mesmo fulgor que o illuminava aos 21 annos, pois tal era em 1850 a edade do nosso poeta.

Quando elle e Theophilo Braga assistiram depois á sessão na tribuna da imprensa, fez-lhe a camara uma ovação enorme applaudindo uma proposta do deputado, sr. Moreira de Almeida. Prestaram os deputados portuguezes uma homenagem justissima a dois dos nossos grandes homens de letras, a qual profundamente os deveria ter commovido. Falou gente do governo e de todos os partidos. O applauso foi unanime na camara e repetiu-se unanime em toda a imprensa.

Os jornaes do Porto enviaram, para que os representassem, os srs. João Ramos e Guedes de Oliveira pelo *Primeiro de Janeiro*, Accacio Pereira pelo *Commercio do Porto*, Sá de Albergaria pelo *Jornal de Noticias*, e José Sampaio (Bruno) pela *Voz Publica*. Entre vivas se apearam do comboio e entre vivas caminharam até ao Grande Club de Lisboa.

Realisava-se ali a segunda conferencia, sendo orador o dr. Cunha e Costa, sem contestação um dos nossos mais notaveis jornalistas da actualidade. O seu discurso foi varias vezes interrompido pelas palmas, tendo o sr. Consiglieri Pedroso, que presidia, pedido que se evitassem maiores manifestações.

O assumpto é deveras de interesse geral. Por isso a Associação dos Lojistas de Lisboa officiou á grande commissão de protesto, adherindo a este, para que o projecto de lei sobre liberdade de imprensa seja expurgado de todas as peias e restricções que obstem á livre manifestação do pensamento.

E é assim, com os espiritos exaltados, que vamos entrar na mais linda festa do anno. Nem por isso deixaremos de acolhel-a com alegria. A exaltação dos espiritos até faz bem aos corações, que, n'um excesso de vida, batem com mais força.

BULHÃO PATO

Já as lojas de Lisboa se enfeitam, e entre franjas, os bilhetes postaes de boas festas, cobertos de pó doirado, tentam olhos bonitos. O classico velho de barbas brancas, o inverno, mettido no seu capuz, todo cheio de neve, sorri para a criança, entre lumes e flores. Os confeiteiros, entre mil luzes, amontôam pyramides de broas de milho. É grande tempo para gulosos. E o inverno continúa lindo, e é de esperar que á festa na terra venha dar-lhe maior brilho o esplendor do céo.

Abriu o theatro de S Carlos com o *Othello* de Verdi. A primeira noite parece que não deixou contentes os assignantes, que já por ahi andavam impacientes e aborrecidos. É como se dessem as primeiras horas no relogio da sociedade elegante. Quem lhe dá corda é o sr. Paccini. Quando S. Carlos acaba, é elle que toca com os dedos no pendulo para paral-o.

É em S. Carlos que teremos este anno a primeira recita de maior curiosidade, *O Amor de Perdição*, para que fez musica o sr. João Arroyo, não se contentando com a gloria de primeiro orador portuguez. Já aqui dissémos a nossa impressão sobre a opera. Venha um grande exito confirmar o nosso prognostico, e alegrar-nos pela arte em Portugal.

Para mais breve se nos annuncia a primeira recita do *Affonso de Albuquerque*, de Lopes de Mendonça, no theatro de D. Maria. Um drama historico em verso! Foi assim, com *O duque de Vizeu*, que Lopes de Mendonça, ha mais de vinte annos, n'aquelle mesmo theatro se estreou, com um enthusiasmo do publico como raros se viram. Sou suspeito nas minhas conjecturas, que é Lopes de Mendonça dos meus maiores amigos; mas dizem-me o coração com palpite certo, e a razão com argumentos, que terei o prazer em breve de applaudil-o com toda a alma e pela sala inteira acompanhado.

Mas não deixemos de falar n'um espectaculo que um d'estes dias se realisou no theatro de D. Amelia Tratava-se de soccorrer Salvador Marques, tão em theatro conhecido, empresario muita vez, outras, pelos empresarios encarregado da direcção de scena. Estimadissimo foi elle sempre por todos e com razão, que além de possuir um espirito muito fino, tem no coração dotes excellentes. Nem sempre a gente de theatro, se apurasse o ouvido, ouviria elogio de suas qualidades; mas uma ninguem lhe pode negar e os mais desalmados na má lingua, teem a este respeito de chamal-a ao silencio. Não ha mal para que se peça soccorro a actores, actrizes e aos empresarios, que não se encontrem todos dispostos a uma boa acção. E a *matinée* do theatro de D. Amelia foi concorridissima e Salvador Marques teve a satisfação de ver quantos amigos ainda possue. E isso deve ter sido consolo a seu coração, nos ultimos tempos tão cruelmente ferido.

João da Camara.

CONDE DE SABUGOSA

Auto da Festa

Um presente fidalgo nos chega ás mãos, em tão gentil oferta quanto valiosa para quem vive destas coisas do espirito, como do maná de que nos falam os livros sagrados.

O sr. Conde de Sabugosa, digno herdeiro de seus maiores, que ás letras dedicaram seus talentos, pelo que de ascendencia lhe vem o gosto e amor á literatura, descobriu na preciosa biblioteca do seu palacio do Calvario, onde tantas horas passa entregue a trabalhos literarios, um desses folhetos de *cordel* do seculo XVI intitulado *Auto da Festa* por Gil Vicente.

O achado era precioso por que de tal *Auto* não havia noticia, e assim vinha, por ventura, completar a obra do fundador do teatro português, deligencia em que anda o sr. Leite de Vasconcellos reunindo-a e estudando a.

O sr. Conde de Sabugosa, porem, não se limitou a revelar o achado, e como homem de letras que é, deu-o a publico em nitida edição acompanhando-a de seu juizo critico, com a competencia de um erudito e com a arte de um literato.

E' este o livro com que nos brindou e que nós reconhecidamente agradecemos.

Lem'ol-o com o interese que nos despertou conhecer mais uma produção de Gil Vicente, que tanto illucida sobre a literatura do seu tempo, e pareceu-nos o *Auto da Festa* comparado com a *Mofina Mendes*, *Auto da Barca*, o *Auto da Feira*, o *Auto da Luzitania*, o *Auto Pastoril* ou *da Visitação*, o *Triumpho do Inverno*, etc., ser um tanto decadente, o que dá bem a razão de ter sido escrito quando o autor já ia alem dos sessenta annos, acrescido com a circumstancia, muito bem ponderada pelo sr. Conde de Sabugosa, de o ter feito á pressa para representar-se em casa do conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, em Evora, no Natal de 1535.

A *Explicação Previa* com que o sr. Conde de Sabugosa precede a transcrição do *Auto*, envolve juizo critico bem fundado sobre as reminiscencias que o *Auto da Festa* mostra das outras produções de Gil Vicente, confirmando quanto o ilustre homem de letras conhece e conscienciosamente estudou toda a obra vicentina.

A transcrição do *Auto da Festa*, é cheia de notas explicativas e de correção ao texto pelo sr. Conde de Sabugosa que muito illucidam. Dessa transcrição damos, com a devida venia, um trecho, que certamente será apreciado por nossos leitores.

O sr. Conde de Sabugosa fez imprimir em facsimile o original do dito *Auto* o que torna ainda mais curioso o livro, alem da maior autenticidade.

Ao ilustre membro da Academia, autor do *Paço de Cintra* e de outros trabalhos literarios de requintada arte, deve agora a literatura portuguêsa, com a publicação do desconhecido *Auto da Festa*, mais umas paginas preciosas para a sua historia.

E' a impressão que nos deixou o interessante livro que veio enriquecer a nossa pobre estante.

Caetano Alberto.

AUTO DA FESTA

EXCERPTO

Torna a Velha com a bula do Nuncio na mão, com hua coifa lavrada na cabeça, e vestida como noiva, e diz:

Velha. Trago o spiritu tão cansado
que não sei parte de mi;
depois que parti d'aqui
nunca mais comi bocado
e creo que pão não vi.

Huy filho, onde estais?
estareis já agastado?
Villão. Dona! por quem perguntaes?
Velha. Por hum mancebo dourado
mais bello que os corais.

Villão. Como não sé elle aqui?
Olhai, dona, eu vos direi
tudo quanto d'elle sei:
bofelhas, que o não vi.

Velha. Pois eu aqui o deixei.
Villão. Alguem o faria hir.
Velha. Boa concrusão he essa! (1)
como se havia elle d'hir?
Villão. Como se havia elle d'hir?
pera nunca mais cá vir.
Velha. E eu ficarei por besta.
Villão. Pois assi he de presumir,

Era elle vosso irmão
ou outrem que vos pertem?
Velha. Era, filho, um cortesão.
Villão. Vós fiai-vos de rascão?
levar-vos hia algorem?

Velha. Não levou má ora, não,
mas estavamos concertados
ou quasi quasi casados,
e deixou-me agora em vão
com meu dinheiro gastado.

Assi vós hajais benção
de vossos antepassados
qu'esta minha absolvição
me custou cinco cruzados
logo contados na mão.

Villão. E elle joga cà d'essa arte?
faz gastar o mialheiro?
então deixa-vos de parte?
Velha. Não me dá a mi do dinheiro
que ainda me ficou que farte.

Porem dá-me da canseira
que levei de cá pera lá.
Villão Eu vos direi que será:
pois já não tendes maneira,
achegai-vos pera cá:

pois já ess'outro vai na vela,
quero vos dizer quem são.
Meu pae naceo no fundão,
minha mãe em Margerela.
e a mi chamam Iam Antão.

Se marido heis de tomar,
eu era o verdadeiro.
Velha. Tomar-vos hei por parceiro,
mas não he pera fiar
de nenhum homem solteiro.

Villão. Comego não eis de ter
senão nego boa ventura:
dormir, folgar, e comer;
em mim não entra tristura,
eu são o mesmo prazer.

Vós o sancto nem domingo
não aveis de trabalhar;
e por tanto eu vos digo
que caseis ora comigo.
não cureis de refusar.

Velha. Si, mas eis me de jurar
que depois de ser casado
que aveis comigo de estar.
Villão. Digo que se vos negar
que eu moura enforcado.

Velha. Filho, pela minha benção,
que eu não tenho vontade,
porem dai-me cá essa mão.
Villão. O casamento de verdade
ha de ser pelo abbade
e namja dessa feição.

Hulo trigo que aqui está?
nem tão somente avea!
vamo-nos ora á aldea
que lá nos receberá
inda que seja á candea.

E pera nossa alegria
quero hir chamar Fernando,
Catalina, e Mecia;
entonces com hua folia
hiremos todos cantando.

Vai-se

---

(1) Leia-se: «esta».

VELHA. Huy! e eu deixei-o hir,
fui la muiti-era-má
eu, dentro na alma me dá
que não ha cá mais de vir!
porque não fui eu ora lá?

Vede porque eu lá não fora
não são pera nenhum bem;
todo quanto mal me vem,
são d'elle merecedora
pois me fio de ninguem.

Aqui entra Fernando pastor e tres moças pastoras, e hua per nome Mecia, e outra Caterina, e outra Filipa, e acabando de cantar, diz Fernando ao senhor de casa.

FERNANDO. Esteis muito na boa hora
e tenhais muita saude
porque dizem lá por fora.
que em vossa mercê mora
grande soma de virtude,

E faço vos a saber
que estou muito aparelhado
a fazer vosso mandado
como bem podereis ver
quando por vós for chamado.

MECIA. Tambem eu, senhor, desejo
com mui limpia e sãa vontade
dar-vos minha liberdade
e servir sem nenhum pejo
a vossa muita bondade.

CATERINA. Eu tambem, nobre senhor,
posto que vos não conheça,
por respeito do autor
vos servirei com amor
até que a vida faleça.

FILIPA. Pois se eu tanto valesse
ter-m'ia por muito (1) ditosa
se me a mim parecesse
que de servir merecesse
pessoa tão virtuosa.

FERNANDO. Ora pois eu sam chamado
pera esta refestela,
dizei-me qual he a donzella
com que embora sois casado.

MECIA. Samicas será aquella?

VILLÃO. Não muito mal adevinha.

CATERINA. Pois qual será a bem lograda?

VELHA. Buscades a desposada?
Vedes-me aqui onde estou.

FERNANDO. Deos vos faça descançada!

Mana, levantai-vos ora.

FILIPA. Bofas! já eu vi outro dia
noiva ser mais desenvolta.

VELHA. Como sou per cá per fora,
logo são de todo morta.

MECIA. Como casaste tão cedo?

CATERINA. Sei que (2) tem a mãe ciosa
e a menina he formosa,
e sicais havia (3) medo
de lhe aquecer (4) alguma cousa.

FERNANDO. Isso o deve de causar
porque he cousa perigosa
estar moça tão formosa
muito tempo de casar.

E pois já todos viemos
e deixamos nossos gados,
hua chacota ordenemos
e com ella nos hiremos
de prazer agasalhados.

Diz Caterina á Verdade:

Senhora, pois vós achais
em esta festa presente,
peço-vos que nos queirais
ajudar pera que mais
se faça perfeitamente.

VERDADE. Digo que sam mui contente
pois me vós, mana, rogais.

Saem-se todos cantando, e dão fim ao presente Auto.

---

(1) Leia-se: «mui».
(2) Sei-que», «seica», modismo gallego que significa «por ventura».
(3) No original: «aula».
(4) «Aquecer» por «acaescer» = «acontecer».

Projéto do Palacio do Congresso Brasileiro, de Ventura Terra, premiado em Concurso Universal

O governo dos Estados Unidos do Brasil, abriu, em 23 de janeiro deste anno, um concurso universal para apresentação de projétos de um palacio do Congresso Brasileiro, concurso que foi encerrado em 30 de maio.

Foram, segundo parece, onze os concorrentes que enviaram projétos, contando-se entre elles notaveis arquitétos italianos, inglêses, francêses e portuguêses.

Para esta construção sumptuosa é destinada uma superficie de 8:000 metros quadrados podendo elevar-se o custo da edificação até á quantia de 8:000:000$000 contos, ou seja um conto de réis por cada metro quadrado.

Esta base do concurso dava margem para um edificio grandioso, como modernamente não se terá construido outro.

Ao projéto approvado em primeiro logar éra conferido o premio de 15:000$000 contos, ao classificado em segundo logar 10:000$000 contos, e ao immediato 5:000$000 contos.

De todos os projétos apresentados, e que estiveram expostos ao publico, aquelles que mais despertaram a critica da imprensa do Rio de Janeiro, pronunciando-se a seu favor, foram os que tinham a divisa *Quanto posso* e *Semper*.

O primeiro destes projétos encontrava-se precisamente nas condições do concurso, tanto pela sua grandiosidade e belesa, como pelo limite do orçamento.

A divisa *Quanto posso*, pertencia ao sr. Ventura Terra, tendo sido este projéto premiado.

Num concurso universal, onde figuraram artistas dos paises mais adiantados em artes, é uma gloria vêr triumfar um artista português, independente de todas as influencias do meio, e unicamente por seu merecimento real.

Esta vitoria alcançada pelo sr. Ventura Terra, é mais uma prova da competencia que tem vindo afirmando em tantas outras obras do seu talento, como por exemplo a da Camara dos Deputados em Lisboa, como obra de maior vulto, a da propria casa de sua habitação, premiada com o premio Valmor, etc.

Em nosso pais se refléte a gloria desde artista português, provando-se que a Arte portuguêsa tem realmente progredido nos ultimos annos, contando artistas, quer em pintura, escultura e arquitétura que a podem honrar em toda a parte do mundo onde apareçam.

Pelas gravuras que neste numero reproduzem o projéto do sr. Ventura Terra, se póde avaliar da sua belesa. Internamente, no andar nobre, ha tres grandes salas, sendo a maior, salão de honra para 600 congressistas; a segunda para 300 deputados, e a terceira para 90 senadores. Duas salas para o corpo diplomatico; sala dos passos perdidos; galeria de honra do congresso e todas as mais dependencias, como secretarias, archivo, gabinetes, bibliotéca, bufetes, etc., etc.

O novo edificio com que mais se vae embelesar a capital federal, que entrou n'um verdadeiro periodo de transformação, deve ócupar o quadrilatero comprehendido entre a praça Tiradentes (antiga Constituição), Rua da Constituição, avenida Gomes Freire e rua Visconde do Rio Branco.

A fachada principal do edificio fica para a praça Tiradentes.

A construção deverá ser toda de marmores portuguêses, no que muito poderão brilhar os nossos canteiros.

Provas do 5.º anno do Curso de Escultura da Escola de Bellas Artes do Porto

No exame do 5.º anno de escultura da Escola de Bellas Artes do Porto distinguiram-se vantajosamente os srs. Rodolpho Pinto do Couto e Alipio Leite Barbosa, nas provas que apresentaram, e que obtiveram a classificação de 18 valores.

Dois bellos altos relevos, que reproduzimos na pagina 277 e que mais parecem obras de artistas consumados do que de estudantes, a completarem o curso é certo, mas quantos naufragam antes de chegarem ao fim.

Os srs. Pinto do Couto e Leite Barbosa, revelam nestas suas provas decidida vocação para a escultura, mostrando ao mesmo tempo bom aproveitamento das lições do mestre, o eminente escultor Teixeira Lopes, que tem dado ao curso de escultura da Escola de Bellas Artes do Porto todo o brilho do seu grande talento.

O aeronauta português Magalhães Costa

Os jornaes da Bahia, recebidos ultimamente, publicam largas noticias acerca do aeronauta português Magalhães Costa, que n'aquella cidade tem realisado algumas ascensões no seu aerostato *Portugal*.

O arrojado, aeronauta que em Portugal é já bem conhecido por suas varias ascensões realisadas com grandes aplausos do publico que a ellas tem assistido, levou sua fama até o Brasil, e ali tem conseguido entusiasmar os numerosos espectadores, pela coragem e ao mesmo tempo pericia com que tem feito novas ascensões no seu formidavel balão *Portugal*.

Numa dessas ascensões o arrojado aeronauta correu grave perigo, mas conseguiu sair-se a salvo do acidente, o que lhe valeu os mais entusiasticos aplausos do publico e elogios de toda a imprensa da Bahia.

Folgamos de registrar mais este triumfo do aeronauta português publicando o seu retrato e reproduzindo a fotografia duma das ascensões que fês no seu balão *Portugal* na cidade da Bahia.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO II

SUMARIO

O que eram as obras do Conde de Tarouca — Notas biograficas deste titular — Suas desavenças com o cavalheiro de Oliveira — Uma familia infeliz — A mania do Conde — Historia dos seus palacios destruidos — Uma resignação estoica — A Cotovia antes do terremoto — Terrivel e perigosa paragem — O refugio dos vadios e o campo de manobras dos garotos — A Cotovia, campo da fôrca e cemiterio de excomungados — Um achado que inspirou o poeta de Xabregas — A imagem de Christo nos entulhos das obras — Compram os jesuitas os terrenos do Conde, ao Marquês de Penalva — A testamentaria do Almirante de Castella e o colegio das missões — Aspecto selvagem do largo da Cotovia — Um projecto, não realizado, da Santa Casa da Misericordia — O azár dos arquitetos.

No segundo quartel do seculo XVIII ao sitio onde hoje assenta a praça ajardinada do Principe Real, chamavam vulgarmente os lisboetas as «*obras do Conde de Tarouca*».

Quem era o conde e que obras eram estas é o que vamos saber.

*

João Gomes da Silva Telles, nascera em Lisbôa aos 21 dias de junho de 1671 do casamento de Manuel Telles da Silva, 1.º marquês de Alegrete e 2.º Conde de Villar-maior, com D. Luisa Coutinho, senhora de não menos esclarecida gerarquia. Como viesse ao mundo em quarto logar e sem probabilidades portanto de succeder nos bens, titulos e vinculos de seus paes, seguiu a carreira das armas, buscando assim, por seus proprios merecimentos, as honras que o acaso da primogenitura lhe não concedera e conseguindo distinguir-se como soldado na guerra da Successão onde alcançou o posto elevadissimo de mestre de campo general.

Finda a guerra, enveredou por outros caminhos não menos tortuosos e entrou na diplomacia com a nomeação de embaixador a Londres, onde se houve habilmente nas tentativas de impedir que a rainha Anna fizesse a paz com a França e Espanha, sem n'ella nos incluir.

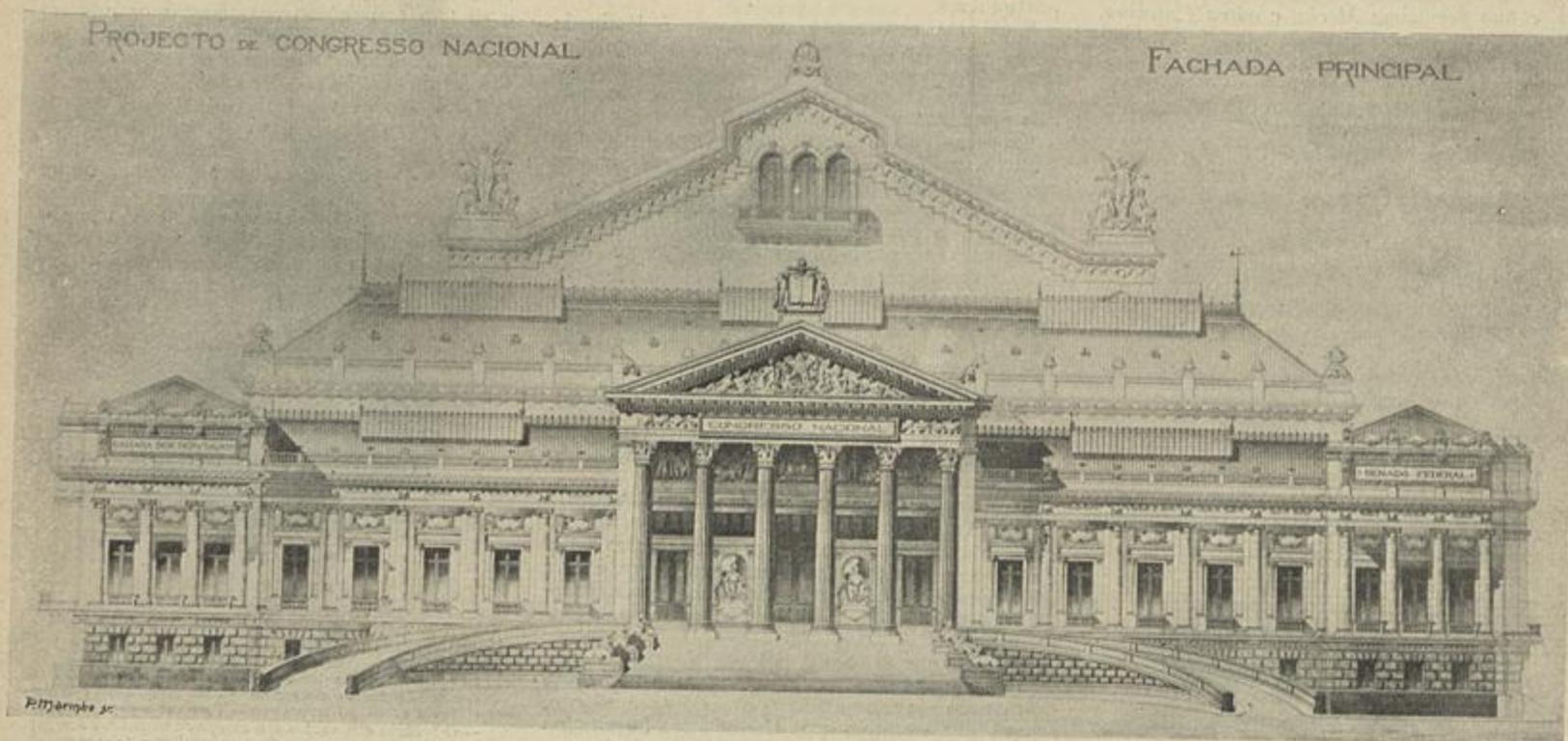
Da sua criteriosa intervenção nas negociações de Londres resultou a sucessiva nomeação de ministro plenipotenciario nas côrtes de Paris, Haya e Vienna de Austria, onde, com lustre e honra para o seu país, se desempenhou desses altos cargos.

Como poeta é que não conseguiu tanto e os seus versos dispersos e quasi todos manuscritos, apenas se topam, por acaso, nos papeis avulsos das academias do seu tempo, prodigas em divulgar e louvaminhar poetas de segunda ordem.

Um bello casamento ajudou a consolidar a invejavel situação a que chegara, desposando D. Joana Rosa Maria de Menêses filha de D. Estevam de Menêses — o côxo de alcunha, que lhe trouxe em dote varios bens de raiz, o condado de Tarouca e as honras inherentes. Assim a pouco e pouco, trabalhando, lutando alcançou

entre os membros da sua familia, a quem a má estrela perseguia, um logar proeminente. Seu irmão mais velho e 2.º marquês de Alegrete, ficára desqualificado depois de uma formidavel bofetada que lhe dera o vice-rei da India D. Rodrigo da Costa e que elle guardara com resignação christã em demasia. Outro seu irmão, Nuno da Silva Telles, era inquisidor, e rosnava-se muito das suas virtudes evangelicas. Seu filho, que lhe herdara o fraco pelo bello sexo, seguindo as tradições do amante de madame Pelles, era um doidivanas que lhe roubara uma guapa o vagabundo adido das legações portuguêsas e autor talentoso de alguns voluminhos preciosos, é que pudemos falar com taes minucias do Conde de Tarouca. No «*Amusement Historique*» e no seu livro de *Viagens* impresso em Amsterdam em 1741, resaltam a cada momento e em cada capitulo referencias amargas e pouco generosas para o diplomata. Até uns miseraveis escudos que ao jogo lhe ficou devendo, telintam acusações frequentes no pitoresco volume do filho do contador-mór.

Francisco Xavier de Oliveira nada poupava ao estudo persistente dos estilos de construcção, na imaginosa concepção de palacios fantasticos, gastou o conde o melhor do seu tempo e do seu dinheiro

Começára a mania, diz o meu informador, nos terrenos da Cotovia, que lhe pertenciam e que ficavam adjacentes a um palacio que herdara de sua mulher. Se attentarmos bem ainda hoje adevinhamos, atravez dos restauros e modernizações, a antiga residencia do conde no palacete do snr. Anjos, que tem actualmente no Principe Real os numeros de policia: 20, 21 e 22.

Fachada principal

Fachada posterior

PROJÉTO DO PALACIO DO CONGRESSO BRASILEIRO, DE VENTURA TERRA, PREMIADO EM CONCURSO UNIVERSAL

moça que o conde tinha de casa e pucarinho casada com um seu criado chamado Rocha. Mas onde ellas se fazem ahi se pagam e o habil diplomata, que era quasi sempre infeliz nas suas preferencias, teve o secreto gosto de ver a ingrata amante fugir dos braços do filho para o conchego intimo do Padre Almeida Soares, capellão da casa (1).

Graças á inimizade do cavalheiro de Oliveira, Conde e procura continuamente feri-lo e magua-lo na sua prosa repassada de ironicos comentarios, por que nunca lhe perdoou, á conta de antigas e azêdas discussões havidas com elle, o ser obrigado a saír do corpo diplomatico português e a vaguear errante pelas cortes europeias galanteando, troçando e discutindo pontos doutrinarios em materia de religião.

No seu livro de viagens, a que já aludi, contanos elle, n'um proposito firme de troçar, a mania da arquitetura que, desde o berço até á tumba, o perseguiu, o subjugou e o ia ensandecendo. No

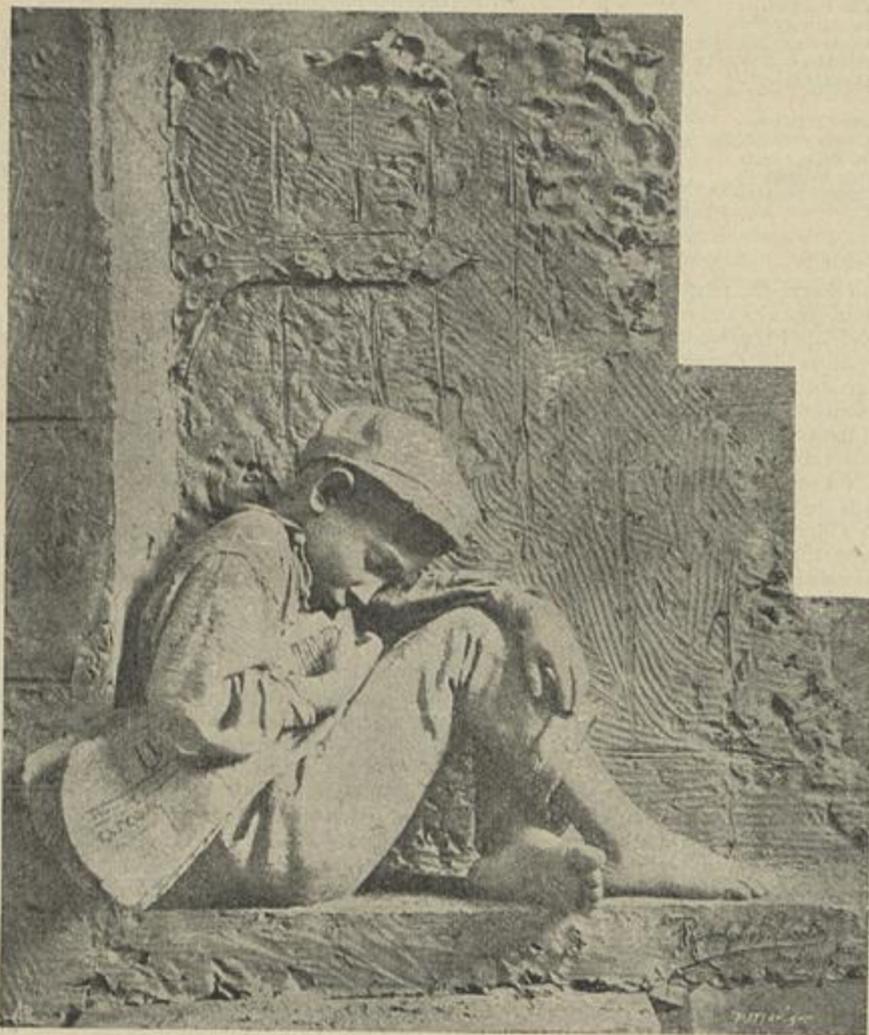
(1) Livros, já citados no texto, do Cavalheiro de Oliveira: *Viagens* e *Amusement Historique*.

O edificio projectado devia ser, se o avaliarmos pelas proporções dos alicerces. um verdadeiro monstro em cuja idealisação o conde enterrou muito oiro transformado em pedra lioz.

Feliz ou infelizmente não o conseguiu acabar. Os motivos por que, ignoro-os. Falta de dinheiro, talvez. (1)

Emquanto esteve na Haya, trabalhou como um

(1) Livros, já citados no texto, do Cavalheiro de Oliveira: *Viagens* e *Amusement Historique*.

Provas do 5.º anno do curso de escultura da Escola de Bellas Artes do Porto

PROVA DO ALUMNO RODOLPHO PINTO DO COUTO

PROVA DO ALUMNO ALIPIO LEITE BARBOSA

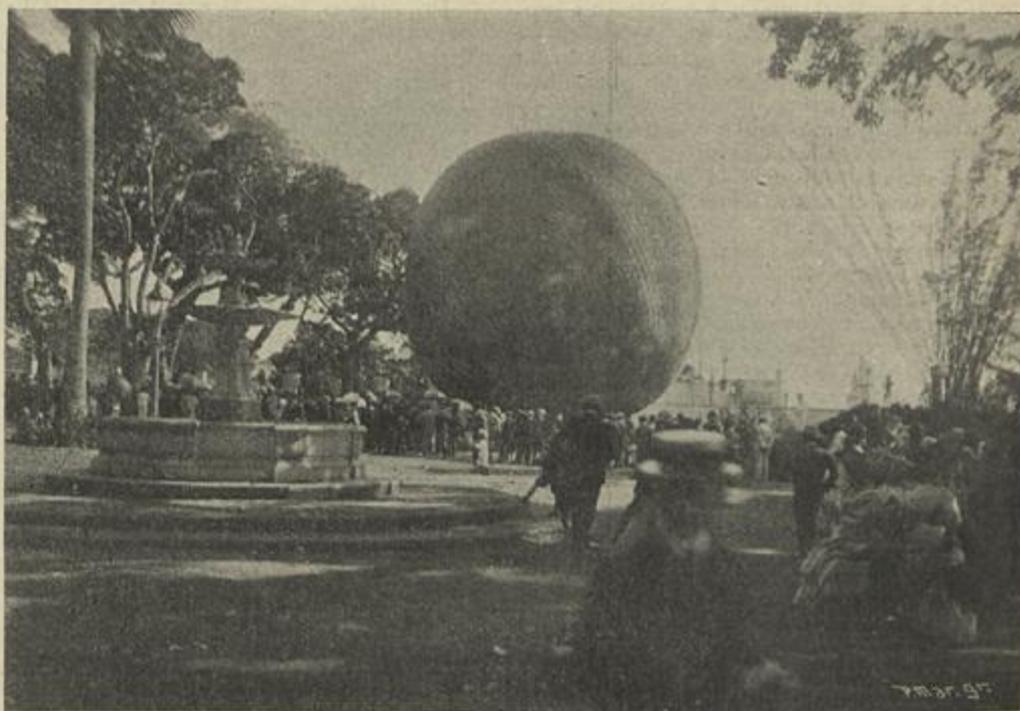
UM PEQUENO VENDEDOR DE JORNAES, ATORMENTADO PELA CHUVA E PELO FRIO EM UMA NOITE DE INVERNO, ACOLHE-SE A UM PORTAL, E AHI SE DEIXA ADORMECER

verdadeiro pedreiro no sumptuso palacio de Manuel de Liz, judeo português que o mandára fazer por sinal, com uma somma avultada que D. Lourenço de Almada lhe confiára para depositar n'uma casa bancaria holandêsa. Um negocio de primeira ordem! (1).

(1) Memorias do Bispo do grão Pará, Frei João de S. José Queiroz, pag. 133.

Esse palacio onde o *honradissimo* judeo dava, ás segundas feiras, recepções faustosas, banquetes, concertos e outras festas de estrondo, onde o alto commercio, a nobreza e a diplomacia se divertiam um pouco democraticamente, admirando os estuques — que eram então a ultima novidade, os lustres e os cristaes, foi um dia inopinadamente tragado pelas chamas, que n'um apice o reduziram a um montão de escombros.

Quando em Cambray, a diplomacia capitaneada por Luiz XIV, quis que Portugal não fosse representado, pretextando não haver ali alojamentos para o conde assistir ao congresso, o nosso ministro aproveitando ao mesmo tempo a sua bossa de arquiteto e a sua habilidade de diplomata, mandou construir ali um palacio de madeira propositadamente e seguindo um seu imaginoso risco, afim do seu pais ter a representação devida, acto este digno de um ministro de el-rei D. João V em cujo reinado foi Portugal mais do que nunca,

O AERONAUTA PORTUGUÊS MAGALHÃES COSTA

UMA ASCENSÃO NA CIDADE DA BAHIA DO BALÃO «PORTUGAL» COM O AERONAUTA MAGALHÃES COSTA

respeitado, attendido e considerado nas côrtes estrangeiras.

O palacio fez-se, mas pouco depois ardia como o de Mannel de Liz, na Haya. A este incendio não seria talvez estranha a politica francêsa que, a todo o transe, queria evitar que o nosso país tivesse assento no congresso. O conde, porem, não desanimou, revestiu-se de resignação christã e, em face talvez do edificio destruido, começou o seguinte soneto:

Voraz incendio, horrivel instrumento
De estrago, não me afflige: determino
Tolerando a inclemencia do destino,
Disputar-lhe o poder com o sofrimento.

Cruel ou brando, arrebatado ou lento,
Erras por indulgente ou por malino.
Se obras como castigo és mui benigno,
Se offendes como acaso és mui violento.

Nada me altera o golpe exhorbitante
Que em mim ser venturoso ou desgraçado
Produzio sempre effeito semelhante

Mais me temo a mim mesmo do que ao fado;
Recei tanto o excesso de constante
Que degenere o firme em obstinado. (1)

Não quis Deus conservar-lhe, atravez dos tempos os provas do sua competencia de arquiteto. Outro palacio que, em Vienna de Austria, riscou e executou para o Duque de Aremberg, não teve melhor sorte. O Duque já farto talvez de esperar a conclusão vendeu-o antes de acabado, com grave desgosto do conde que apaixonado iniciára a construcção, trabalhando activamente de colher em punho com a mesma linha fidalga com que redigia as notas diplomaticas. Talvez esta ultima desilusão lhe apressasse os derradeiros momentos pois quasi repentinamente arrancou da vida n'aquella côrte de Vienna em 29 de novembro de 1738. Assim, tão infeliz na arquitetura como nos amores, morreu o conde, cujas obras na Cotovia nos obrigaram a esta digressão.

Abandonada a execução do projecto, essa longa quadra dos terrenos fronteiriços á sua campestre moradia, encravada para o sul da estrada para Campolide, entre o prazo da Cotovia, o cerrado de S. Roque, a quinta dos Soares e as hortas que descendo a encosta iam terminar na quinta de Nossa Senhora da Piedade á beira de S. Bento, tornou-se um verdadeiro monturo, amontoado de cantarias e travejamentos.

Ahi se enterravam os excomungados, como se infere de uma passagem das «*Memorias do Bispo do Grão Pará.*» (2) Nesse tempo a Cotovia, era uma paragem isolada e arredia, onde poucos se atreviam a passar a deshoras, temerosos de um assalto em forma ou de uma emboscada de bacamartes aperrados. Era ali que os ladrões, vadios e salteadores se acoitavam emquanto as naus da India não saiam a barra abarrotadas dos menos cautelosos e prudentes que não buscavam a protecção dos pedregulhos das obras do Conde ou os velhacoutos do alto do Longo, para se escapar ás rusgas rigorosas e implacaveis dos quadrilheiros da correição do crime.

Eram frequentissimos então os assaltos á mão armada em plena Lisboa. Um manuscripto da Bibllotheca Nacional, intitulado *Folheto de Lisboa, Anno Noticioso*, da-nos a miude pormenores de façanhas d'aquelle jaez. (3)

Em 12 de outubro de 1744, por exemplo, um preto matou, dentro das obras do conde, um homem com uma pedrada certeira.

Estes instrumentos abundavam no sitio azado a similhantes proezas, ermo e solitario, frequentado apenas pelos seus raros moradores. Mas ahi mesmo se puniram muita vez e sumariamente, os delinquentes. Diz-nos Amador Patricio que a fôrca assente e meio do monturo trabalhava com certa frequencia (4).

Dia claro, eram outros os frequentadores. A garotada fazia ali campo de manobras, jogando a pedra com grave risco dos transeuntos. Os garotos da Cotovia tiveram nomeada.

N'um dos muitos folhetos anonimos, chamados de cordel, que vendiam os cegos nas arcadas do Rocio e que pejavam as lojas dos papelistas do Terreiro do Paço, encontro estas duas quintilhas justificativas:

Vós emfim da Padaria,
De servir espertos môços
Rapazes da cotovia
Não comprei̇s hoje tremoços
Alfelôa ou alcomonia.

Das pedradas o mau jogo,
Da lasca, e mais da bilharda
Deixai, pois isto vos rogo
E vosso gosto só arda
Em mais curioso jogo (1).

*

Em 1754, Agostinho Ferreira, pintor de fraco merecimento, que então pintava uma capella em casa de Rodrigo Antonio de Figueiredo, passando uma tarde pelos entulhos da Cotovia, reparou por acaso, n'um pedaço de madeira Colorida que apparecia entre um montão de coisas velhas, lixo, e imundicias, para ali desamparadas. Abaixou-se, puchou o bocadinho de taboa, limpou-a da maior sujidade e qual não foi o seu espanto quando descobriu sob a camada de terra e o pó que a cobria, uma imagem de Christo pintado dos hombros para cima. Correu logo voz do misterioso achado, e uma das pessoas que mais misticamente se comoveu com similhante nova foi o João Redondo, o gordo Frêi João de Nossa Senhora, o famoso poeta de Xabregas, que logo ardendo em fé foi procurar o pintor.

Tanto lhe pregou, taes coisas lhe disse, tamanhos discursos lhe fez, que Agostinho Ferreira cedeu-lhe a pintura, com que o bom do frade se foi todo contente. Obtê-la, manda-la reparar e encaixilhar foi obra de um momento. Dias depois requeria, pelas vias competentes, como hoje se diria, a necessaria auctorisação para arvorar a imagem em estandarte e ir com ella, em peregrinação pelas ruas da cidade, com o seguinte letreiro:

— O Senhor apparecido e desagravado. —

QUARTETO

Seja aqui desagravado
O Senhor apparecido
Nas imundicies metido
E com facadas cravado.

Como a auctorisação se demorasse, o João Redondo escreveu a seguinte quadra:

O Senhor apparecido
Seja agora mais louvado
Pois inda fica escondido
E não é desagravado.

Até que finalmente desistiu. Desiludido e cançado de bradar no deserto e voltou novamente á sua antiga vida de louvar Nossa Senhora, de pregar sermoens contra as toiradas e de divertir o povo e o rapazio que o apupava pelas ruas como a um doido. Santo varão! (2)

*

Prosigamos. Esses terrenos das obras do Conde de Tarouca, foram vendidos depois, pelo seu successor, marquês de Penalva (por 29:000 cruzados) á testamentaria do almirante de Castella D. João Thomás Henriques de Cabrera, de que eram administradores os jesuitas, representados pelo Padre José Rosado da mesma Companhia de Jesus.

A historia dessa testamentaria dá assumpto para largos commentarios, que virão a seu tempo, e á analise severa do conhecido folheto de Herculano intitulado «*Da Escola Polytechnica e do Collegio dos Nobres*» onde os jesuitas são injustamente acusados de darem sumiço á grossa fazenda do almirante castelhano, sem a aplica'em ao fim determinado no seu testamento. Tratarei da famosa questão no logar competente, ao rebuscar a historia da casa de noviciado da Cotovia.

Logo que os jesuitas entraram de posse dos terrenos começaram fazendo desaterros e desentulhos, para iniciarem o mais depressa possivel a construcção do edificio destinado ao colegio das missões, conforme a vontade de D. João Henriques de Cabrera. Nesses trabalhos tinham já dispendido cerca de 8:000 cruzados, quando sobreveio o terremoto anniquilando e inutilizando tudo quanto tinham feito.

Uma das obras mais dispendiosas fôra o entulho e aterro dos lagos ali existentes onde as lavadeiras lisboetas de intramuros costumavam ir lavar as roupas, e a inutilisação dos alicerces do fantasioso palacio do Conde. (1)

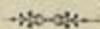
Depois do terremoto o aspecto do sitio tornou-se ainda mais selvagem, mas ganhou em pitoresco com a chegada dos regimentos que acamparam por ali perto. O de Peniche aninhou se em uns barracões improvisados para o lado do sul. Lá está hoje ainda a rua do Abarracamento de Peniche a perpetuar a memoria do bravo regimento, chamado pela voz do Marquês de Pombal, para uma missão bem mais nobre que a da guerra, como mantenedor da ordem publica e da segurança da cidade.

Por todo o espaço livre de pedregulhos acamparam os alfacinhas aterrorisados, em barracas de pano e taboas velhas, durante muitos dias. N'uma mais bem ornamentada e garrida, mandada construir pelo coadjutor Vicente Ferreira Rolim, esteve a paroquia da Encarnação temporariamente, vinda da ermida de Santo Ambrozio e que depois foi para outra barraca mais propria, ao Pombal, onde é actualmente a rua nova de Santo Antonio (2).

Mas os jesuitas tinham ficado desgostosos com os transtornos ocasionados pelo terremoto e como se lhe offerecesse ocasião dos terrenos renderem alguma coisa, arrenderam-nos aos mesarios da Santa Casa da Misericordia, que desejavam ali construir um edificio proprio agradados do sitio que era realmente para tentar, lavados dos ventos, bem situado e com excelentes vistas. N'esta ideia adquiriram materiaes para a construção, fizeram calculos, orçamentos e iniciaram algumas despezas, mas desanimados, por fim, naturalmente pelo custo da obra, hesitaram e desistiram, resolvendo a mesa alugar a um tal Diogo Liberato umas casas na rua dos Anjos, fronteiras á travessa do Desterro (3). D'aqui passaram depois para outras casas junto á ermida de S. Vicente Ferrer até que por carta regia de 6 fevereiro de 1768 lhes foi feita doação da extinta casa professa de S. Roque onde se instalaram definitivamente e onde ainda hoje assistem.

O largo da Cotovia não consentia, está provadissimo, que se edificasse sobre o seu solo, predestinado para melhor fim. Os 326 palmos da quadra das projectadas obras do Conde, continuaram a abrigar os vadios e a servir de vasadoiro publico. Um azar inexplicavel perseguia os edificadores.

Veremos nos capitulos subsequentes outros insucessos similhantes.

G. de Matos Sequeira.

Literatura Norte-Americana

O MONOPOLIO DA ANTITOXINA

PELO

Doutor A. Cary Selly

(Continuação do n.º 1:006)

Está claro que a epidemia difundir-se-á largamente, mas não se segue dahi que venha a ser um desastre: a antitoxina é, por assim dizer, um especifico para a combater.

— E o soffrimento?

— Não assumirá mais consideraveis proporções que a escassez de generos alimenticios ou de combustivel, quando se dá qualquer monopolio de provimentos, contraveiu o doutor. A antitoxina será adquirivel, supposto que a preço elevado. — Com a fortuna! E' negocio para representar milhões, e estou farto da pobreza, farto e mais que farto.

O corretor connivente, nutou a cabeça.

— E o senhor, pelo que lhe diz respeito, continuou o doutor, lembre-se do que poderia fazer em favor de Teddy, como os ditos milhões.

— Lá isso é verdade, annuiu o corretor, desanuveado um tanto ou quanto o parecer.

— E nada que nos ponha impedimentos, — insistiu o doutor.

— E comtudo, ir tirar partido de semelhante coisa... encetou o corretor.

(1) Diccionario Popular de Pinheiro Chagas — Volume 12 — Paginas 305.
(2) Paginas 107.
(3) Mss. da Bibliotheca Nacional B-2-9.
(4) Providencias sobre o Terremoto.

(1) Folheto intitulado — Relação curiosa do brio e secia das Regateiras e o modo como se lhes ensina a juntarem muito dinheiro dado á luz por Tubarão Baleia — Lisbôa 1776.
(2) Vida de Frei João de Nossa Senhora, por Frei Jeronymo de Belem.

(1) Mss. 141 da Biblioteca Nacional, intitulado: Coleção de papeis varios relativos á Sé Patriarchal de Lisbôa Fl. 22 a 208.
(2) Mappa de Portugal, do P. João Baptista de Castro,
(3) A Misericordia de Lisbôa, pela Sr. Victor Ribeiro — Pag 118.

— O desleixo do governo dá-nos margem para aproveitarmos o ensejo, — entremeteu o doutor.

— E que censura cabe ao governo, no presente caso? acudiu a perguntar o corretor.

Merece-a por todos os motivos. Se acaso os suprimentos medicinaes estivessem submettidos á tutela do governo, não eramos nós que podiamos açambarcar a antitoxina; se a pratica da medicina estivesse regulada como deve de ser; o alastrar-se uma epidemia era coisa que nunca poderia acontecer; se cada homem, ou cada mulher, em quem se haja desenvolvido uma qualquer tineta, tentando arvorar-se, de modo imponente mas não abusivo, na qualidade de clinico fosse desde logo suprimido, a possibilidade de semelhantes erros crassos evitar-se-ia em absoluto. No estado, porém, em que se acham as coisas, dão-se casos destes, e nós o que fazemos é lançar mão de um ensejo com o sentido em impingir por mais elevado preço a nossa droga ao consumidor, concluiu o medico.

— Mas se o sôro é um especifico, o facto de o retrahir involve a morte.

— Mas se nós o não vamos retrahir, — impugnou o doutor. Nós o que fazemos é augmentar-lhe o preço, fechando a porta aos competidores ao suprimento de um pedido de tão desmarcadas propoções.

— Vou vendo, accudiu o corretor, principiando a encarar o *bamburrio* com olhos mais favoraveis. Depois, em seguida a breve pausa, perguntou: E a quanto poderá montar a despêsa do projecto? doutor.

O doutor, então, submeteu-lhe uma resenha dos seus calculos e o corretor confrontou-a com o maximo cuidado. Quando se convenceu da facilidade com que poderia realizar ganho fabuloso a tal ponto, tomou-se de enthusiasmo e anciedade tal qual o proprio doutor. Depois de apuradas as contas, perguntou:

— Diz então o amigo que, daqui a uma semana, deve principiar a procura?

— Pouco mais ou menos, o periodo da incubação varía de três para dez dias, — replicou o doutor.

— Visto isso, não podemos perder um momento, tornou o corretor, voltando á carteira com subita energia.

Com que então é negocio feito? emitiu o doutor.

— Com certeza, e vou feito com o senhor, respondeu tensamente o corretor. E agora, dê-me o endereço desses laboratorios, e dos principaes fabricantes.

E principiaram então a planear sistematicamente a *açambarcadéla* do sôro da antitoxina, sem pensar sequer nos resultados, excepto no que dizia respeito ao lucro que o *bamburrio* prometia. A tal ponto os enlevou a visão dos milhões, que os seus sentimentos de humana simpatia se submergiram totalmente.

A mente do corretor aprehendeu com rapidez quer as vantagens quer as difficuldades com que haveria que luctar. Avaliava, muito melhor do que o podia fazer o doutor, que o *bamburrio* viria a exigir o ser *mexido* com summa habilidade para lograr exito feliz. O doutor havia originado o plano inicial e patenteado ao corretor as respectivas possibilidades, mas além desse limite, tinha que se submeter ao superior conhecimento de negocios do corretor e receber ordens da boca deste, visto como o doutor, como aliás succede á maioria da sua confraternidade profissional, em materia financeira, era a propria creança — o Teddy batê-lo-ía de maço e mona, em qualquer conjunturu.

O corretor, cauto, incutiu ao doutor a necessidade de conservar os jornaes em absoluta ignorancia no tocante ao *bamburrio*! A Imprensa, doutor, a abelhuda da imprensa não deve de saber uma palavra — uma palavra só que seja, — recommendou á despedida, o corretor.

Teddy esperava o doutor na saleta, e atracou o á saida.

— Ha alguma novidade — elle estará doente? indagou inquieto.

— Doente? Não? Por que é que o perguntas?

— Vi que se demorava tanto — volveu o Teddy, — calculei que estariam em consulta.

— Qual! Estavamos preparando uma suprezasinha, alegou o doutor, hesitante. Disse, deu um ar de riso e seguiu seu caminho; o Teddy, comtudo, não ficou socegado.

— Aqui anda marosca, olé! remoeu, abanando a cabecita, convicto.

O corretor lançou-se de pés e mãos no *bamburrio*, concentrando nelle totalmente a sua atenção, com exclusão de tudo mais. Pela sonsa, e sem dar origem ao mais leve commentario, ou a sconfiança, conseguiu açambarcar quasi completamente o suprimento apreciavel, arranjando as coisas tão sagazmente com os manipuladores no acto de ir recolhendo o producto, que ninguem suspeitou sequer achar-se em via de formação um monopolio.

Os proprios laboratorios, inclusivé, não tiveram a minima ideia com respeito ao que se achava planeado.

O que mais os interessava era o desfazerem-se do sôro. Desde que não havia noticia de casos de diphteria com caracter epidemico, em parte alguma, pouco ou nenhum cuidado lhes dava tudo que não fosse embolsarem o preço estabelecido, e portanto, agarraram-se, anciosos, ao ensejo de se desfazerem por atacado do seu producto — simplificava-lhes as transacções commerciaes poupando despêsa.

Entrava nos planos do corretor levantar o preço da antitoxina tão gradualmente, desde que principiasse a alastrar-se a diphteria, que nem o consumidor suspeitasse sequer que a carestia era motivada por qualquer outras causas alheias á procura resultante da epidemia. Afim de levar por diante estes planos com efficacia, era mister empregar extrema vigilancia pessoal. O doutor viu-se aliás apertado com serviço, teve que dar de mão á sua clinica, afim de atender estricta e exclusivamente ás exigencias do *bamburrio*; é possivel que este seu retrahimento da presença dos infermos, désse motivo a importar-se menos quer com elles quer com as suas necessidades.

O Teddy ía estando de mais em mais perplexo á proporção, que os dias se iam tornando mais trabalhosos dias a respeito dos quaes elle não sabia mais que o publico do que se andava tramando. Sabia que havia marosca, e como finorio que era, adivinhava o tratar-se de um *bamburrio* qualquer, fosse qual fosse, mas o que elle não conseguiu era atinar com o que seria que se projectava monopolizar. Tentou apanhar aqui e acolá qualquer palavrinha, que um e outro casualmente soltavam na sua presença, e combiná-las com os artigos que usualmente eram comprados e vendidos no escritorio do corretor, mas não envolviam a minima relação com cereaes, algodões, fundos, mineraes, ou com petroleo. Presentia que estariam guardando segredo propositadamente, visto que poucos clientes compareciam no escritorio, e não foi capaz de encontrar nas noticias correntes do mercado a minima referencia á manipulação de qualquer artigo em escala descommunal. Pôs se, pois, á espera, muito calado, oscilando entre a espectativa e o receio, com respeito ao resultado final, a cogitar no que dali sairia, se um *golpe de mão* se um *estenderete radical*.

Os dois socios esmiuçavam meticulosamente os jornaes, não por causa das resenhas do mercado, mas sim para verem os boletins de sanidade, e Teddy cada vez mais intrigado. Vieram casualmente a publico uns casos de diphteria, e houve uma tal qual procura da antitoxina. Então, assustadores, quasi, pela rapidez, vieram affluindo noticias de varios pontos, mencionando uma epidemia assás generalizada de diphteria. Espalhava-se por toda a Pensilvania, Ohio, Kentucky, Michigan, Indiana e Illinois, ao passo que um ou outro caso insulado principiava a grassar em diversos outros Estados.

Nem o doutor nem o corretor eram homens de maus figados, cegava-os, porém, a tal ponto a desussada riqueza que contemplavam adquirir, que não haviam pensado em coisa alguma alheia ao ganho do *bamburrio*.

Cada nova expansão da epidemia creava um augmento de pedidos de antitoxina habilitando-os a persistir em ir augmentando o preço gradualmente, e cada augmento lhes ia trazendo enorme proveito e era um passo a mais para a realização do seu sonho de opulencia. E assim pois, festejavam o constante alargamento da area de infecção e cada relatorio de um districto novamente invadido, os ajudava a esquecer a tudo que não fosse o bom exito do seu *bamburrio*. Até se esqueceram do Teddy, quando este ficou em casa, alegando não se sentir lá muito corrente e apenas se lembravam de ir augmentando cada dia mais o preço.

(Continua).

M. Macedo

CULTURAS FORÇADAS

por Vasco Jardim

É este o titulo do assumto que o sr. Vasco Jardim escolheu para a dissertação inaugural com que terminou o seu curso no Instituto de Agronomia e Veterinaria, e de que nos ófereceu um exemplar, que muito agradecemos.

Particular interesse nos despertou esta dissertação, não só pelo assumto, que nos parece de grande alcance para a horticultura, mas ainda pelo autor, que conhecemos desde sua infancia, e que ora o vêmos já entrar nas lides da vida, a tomar logar na sociedade, com a força e o direito que lhe dá o estudo da ciencia a que se dedicou com vontade e de que apresenta apreciaveis resultados, encarando de frente uma questão economica tendente a desenvolver a riquesa agricola do nosso pais.

A agricultura é hoje, mais do que nunca, uma ciencia donde se estão colhendo os melhores resultados para a riquêsa publica. Ai de aquelles paises que se conservarem na rotina e não souberem aproveitar bem as qualidades do torrão produtivo e do clima, para desenvolverem as culturas existentes e criarem outras novas.

A ciencia agricola, deixaime exprimir assim, triumfa hoje de muitas culturas consideradas impossiveis pela rotina, e está nisso o seu grande progresso.

As culturas forçadas são hoje um dos grandes meios de que o agricultor se serve para obter frutos da terra nas regiões que mais desfavoraveis se possam considerar para esses frutos.

É destas culturas que trata a disertação do sr. Vasco Jardim, teorica e praticamente por que uma e outra estudou, quer em França, onde esteve na Escola Pratica de Antibes, quer no Instituto de Agronomia e Veterinaria de Lisboa onde completou o seu curso da forma brilhante que se vê pela sua importante Dissertação Inaugural.

Ocupando-se dos processos usados para as culturas forçadas de certas especies horticulas e muito especialmente de flores, que hoje constituem um importante comercio, demonstra com dados positivos quanto seria vantangoso para a nossa industria agricola, que em Portugal se explorassem as culturas forçadas das especies a que se refere.

As condições dos nossos terrenos e do nosso clima, em certas zonas, prestam se admiravelmente a essas culturas, muito mais do que em França onde elle as viu e praticamente as estudou.

Alem disso a situação geographica de Portugal permitindo facil communicação com os principaes centros da Europa, onde se consommem frutas, legumes e flôres pagos por preços remoneradores, abria um comercio importante, em que tinhamos muito a lucrar, podendo exportar em vez de importar especies que nos levam centos de contos annualmente.

Tudo isto vem demonstrado com dados estatisticos na dissertação do sr. Vasco Jardim.

Nós felicitamos o illustre agronomo pela sua dissertação, que revela ideias praticas de que tanto precisamos em nosso pais.

Caetano Alberto.

LIÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

De ha muito se conhece a acção do alumen sobre a gelatina, mas a sua applicação na photographia, só agora foi achada com resultado, por Lumière.

Das experiencias realisadas, sabe-se que a alumina dá com a gelatina um composto definido, — os saes que tem menor porção de alumina tem uma temperatura de *gelificação* mais baixa, havendo, comtudo um limite, e o ponto de *gelificação* das soluções de gelatina cresce até a uma proporção em aluminio de cerca de 0,64 %, e a partir d'ahi, o ponto de *gelificação* decresce. E' nos banhos de fixagem e viragem que habitualmente se introduz o alumen para endurecer a gelatina dos clichés. A melhor insolubilidade para a menor quantidade de alumen obtem-se com 0,5 gr. de alumen de chromio ou 1,5 gr. de alumen por 100^{cm3} de solução hypo-sulphito a 15 %. Evita-se o deposito de enxofre juntando-lhe 10 a 15^{cm3} de bisulphito de soda de commercio n'um litro de hyposulphito com 5 gr. de alumen de chromio.

A formula adoptada é a seguinte:

Agua	1000^{cm3}
Hyposulphito de soda	250 gr.
Bisulphito de soda	10^{cm3}
Acelato de chumbo	2 gr.
Alumen ordinario	40 gr.
Chloreto de ouro a 1 %	60^{cm3}

NECROLOGIA

Vice-Almirante Francisco de Paula Teves

Faleceu no dia 5 do corrente o vice-almirante Francisco de Paula Teves, um dos oficiaes mais prestantes da marinha portuguêsa, que muito ilustrou com sua inteligencia e valor.

Na terra onde raiou a aurora das liberdades publicas, pelas quaes ali se praticaram tantos heroismos, que por elles a distinguiram dando-lhe o titulo de Angra do Heroismo, ahi nasceu Francisco de Paula Teves, a 11 de de novembro de 1839.

A 20 de janeiro de 1853, com pouco mais de 13 annos de idade, alistou-se na marinha de guerra portuguêsa, e a 11 de junho de 1858 era nomeado aspirante graduado de 2.ª classe, sendo promovido a 4.ª classe em 1861.

Principiou assim aos 21 annos a sua carreira no serviço da marinha portuguêsa, carreira das mais brilhantes, pela átividade e serie inneterruta de commissões que desempenhou, sempre com reconhecida competencia e zelo.

Commandou as canhoneiras *Douro*, e *Liberal*; corvetas *Rainha de Portugal*, *Mindello* e *Affonso de Albuquerque*, sendo nesta que, em 1893, achando-se no porto do Rio de Janeiro, fazendo parte da esquadra portuguêsa que ali foi quando da revolta de Saldanha da Gama, recolheu a seu bordo parte dos revoltosos que sob a bandeira portuguêsa vieram acolher-se.

VICE-ALMIRANTE FRANCISCO DE PAULA TEVES

É longa a lista dos seus serviços, como se póde avaliar pelos que seguem:

Vogal da commissão encarregada de examinar as minas do farol da ilha de Gôa e dar parecer ácerca das causas do seu desabamento. Commandante da divisão naval da Africa Ocidental; ajudante do chefe do departamento maritimo do Centro; ajudante da 1.ª direção do Arsenal da Marinha; vogal do juri de exames de guardas marinhas; vogal das commissões encarregadas: de propôr as alterações na ordenança geral da armada, e dar parecer ácêrca das instruções para a armada relativas á espingarda de 8,mm Kropatcheck. Vogal da commissão encarregada de formular um projéto de reorganisação dos serviços do arsenal, chefe da 1.ª direção do Arsenal da Marinha; chefe dos depositos da marinha; vogal da commissão central do Real Instituto de Soccorros a Naufragos; capitão do porto de Lisboa e chefe do departamenro maritimo do Centro.

Foi tambem presidente da commissão encarregada de proceder á revisão do regulamento geral do serviço de pilotagem das barras e portos do continente do reino e ilhas adjacentes, e ultramar. Chefe da missão em serviço naval á Inglaterra, presidente da commissão encarregada de dar parecer ácerca de uma proposta do governo dos Estados-Unidos relativa á alteração nos meios empregados para evitar abalroamentos.

Fez parte das campanhas de Moçambique, em 1894 e 1895, tendo partido de Lisboa, como commandante da corveta *Affonso de Albuquerque*, em 29 de outubro de 1894, em direção a Lourenço Marques.

Foi governador dos distritos de Angoche, Lourenço Marques e Mossamedes.

Ultimamente era vogal da junta consultiva do Ultramar, e estava no quadro auxiliar da marinha. O vice-almirante Francisco de Paula Teves destinguiu-se tanto pelas suas qualidades de marinheiro como de militar, e disso deu provas em toda a sua longa carreira, não esquecendo a parte que tomou na celebre campanha de Africa, quando ali se encontrou em 1894, como commandante da *Affonso de Albuquerque*.

O valente e brioso vice-almirante era condecorado com o grau de cavaleiro, óficial, commendador e grande-óficial da ordem militar de S. Bento de Aviz; cavaleiro, óficial e commendador de Christo; cavaleiro de S. Thiago; medalhas de oiro de comportamento exemplar e de campanhas do ultramar, de serviços de socorros a naufragos, varias portarias de louvor, etc.

O Vice-almirante Francisco de Paula Teves deixa viuva a sr.ª D. Amelia Possolo Hogan Teves e um filho, sr. Francisco Hogan Teves, redator do *Seculo*, a quem enviamos a expressão de nossas condolencias.